

**DITADURA, FUTEBOL E LITERATURA: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIFASCISTA**

***DICTADURA, FÚTBOL Y LITERATURA: POR UNA EDUCACIÓN ANTIFASCISTA***

***DICTATORSHIP, FOOTBALL AND LITERATURE: FOR AN ANTIFASCIST  
EDUCATION***



Perolina Souza TELES<sup>1</sup>  
e-mail: perolinasouza@hotmail.com



Elder Silva CORREIA<sup>2</sup>  
e-mail: eldercorreia21@gmail.com



Fabio ZOBOLI<sup>3</sup>  
e-mail: zobolito@gmail.com

#### Como referenciar este artigo:

TELES, P. S.; CORREIA, E. S.; ZOBOLI, F. Ditadura, futebol e literatura: Por uma educação antifascista. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 28, n. 00, e023021, 2024. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v28i00.19485>



| Submetido em: 20/06/2024  
| Revisões requeridas em: 08/07/2024  
| Aprovado em: 14/07/2024  
| Publicado em: 19/08/2024

**Editor:** Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Doutoranda em Educação.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Professor do Departamento de Educação Física (DEF).

<sup>3</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED).

---

**RESUMO:** Este ensaio tem como objetivo interpelar futebol e literatura, com a intenção de reflexionar a história e a memória, tensionando questões que possam desnaturalizar e combater o pensamento fascista. Deste modo, o presente escrito se propõe pensar o futebol pelo viés antifascista e democrático. Para tal, traz ao palco a literatura e o esporte, aqui ancorado na poesia e no futebol. Sob esta mirada, foram trazidos dois ex-jogadores ligados a história do Clube de Regatas do Flamengo (Sócrates Brasileiro e Adriano Imperador) para fazer convergência com dois personagens da poesia latino-americana (Manoel de Barros e Pablo Neruda). A partir da exposição de duas crônicas, que relacionam futebol e poesia, acredita-se na possibilidade de acompanhar a inscrição de um desejo “não-fascista”, que deve orientar toda e qualquer forma de pensamento educativo, que envolve o ensinar e o aprender, através da leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol. Fascismo. Ditadura Militar. Literatura. Educação antifascista.

***RESUMEN:** Este ensayo pretende interpelar al fútbol y la literatura, con la intención de reflexionar sobre la historia y la memoria, planteando interrogantes que puedan desnaturalizar y combatir el pensamiento fascista. De esta manera, este escrito propone pensar el fútbol desde una perspectiva antifascista y democrática. Para ello, lleva al escenario la literatura y el deporte, aquí anclados en la poesía y el fútbol. Bajo esta mirada se trajo a dos exjugadores vinculados a la historia del Clube de Regatas do Flamengo (Sócrates Brasileiro y Adriano Imperador) para converger con dos personajes de la poesía latinoamericana (Manoel de Barros y Pablo Neruda). A partir de la exposición de dos crónicas, que relacionan fútbol y poesía, creemos en la posibilidad de acompañar la inscripción de un deseo “no fascista”, que debe guiar todas y cada una de las formas de pensamiento educativo, que implica enseñar y aprender, a través de la lectura.*

**PALABRAS CLAVE:** Fútbol. Fascismo. Dictadura militar. Literatura. Educación antifascista.

***ABSTRACT:** This essay aims to explore football and literature with the intention of reflecting the history and memory, addressing issues that can help denaturalize and combat fascist thinking. In this manner, this writing proposes to think about football through an antifascist and democratic lens. In order to do this, we bring literature and sports into the spotlight, anchored here in poetry and football. From this perspective, two former players associated with the history of the Clube de Regatas do Flamengo (Sócrates Brasileiro and Adriano Imperador) are brought here to converge with two characters from Latin American poetry (Manoel de Barros and Pablo Neruda). By exposing two chronicles related to football and poetry, it is believed that it is possible to witness the inscription of a "non-fascist" desire, which should guide all forms of educational thinking that involve teaching and learning through reading.*

**KEYWORDS:** Football. Fascism. Military Dictatorship. Literature. Antifascist Education.

---

## Introdução

Em nossa recente história, mais precisamente desde a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, foi possível observar o avanço de manifestações de cunho fascista na sociedade brasileira. A emblemática camisa amarela da seleção foi apropriada como símbolo dos militantes da extrema-direita brasileira, que tinham como principal mote “A nossa bandeira jamais será vermelha”, para eles vestirem a amarelinha era uma forma de reafirmar suas intenções. Foi das vaias destinadas à presidenta Dilma Rousseff, emitidas nos estádios de futebol durante a Copa, que brotou a semente do golpe de 2016.

Este é apenas um dos diversos exemplos que demonstram que o fascismo é uma manifestação política totalitária que tem na sua base o nacionalismo, desse modo, é contra as liberdades e manifestações individuais em nome de uma pureza nacionalista. Portanto, o fascismo é um regime autoritário, por consequência, antidemocrático. Por ser autoritário, prega a restrição das liberdades e o aniquilamento de seus opositores.

Além da exacerbação do sentimento nacionalista e da censura de seus opositores, o fascismo também é pautado na centralidade do poder nas mãos de um líder; a associação de seus valores alinhavados às crenças religiosas; caça aos opositores mediada pela prisão, tortura e muitas vezes a morte; o militarismo como dispositivo de controle; a censura dos meios de comunicação e das artes, música, cinema, literatura, dentre outros.

Fascismo é sinônimo de violência, de extermínio, de aniquilamento da diferença. A história vergonhosamente tem exemplos de regimes totalitários em torno do mundo: a Itália (1922-1943) de Benito Mussolini, a Alemanha nazista (1933-1945) de Adolf Hitler, a Espanha sanguinária (1939-1975) de Francisco Franco; o golpe civil-militar do Brasil que instaurou a ditadura de 1964 a 1985; o Chile (1973-1990) do General Augusto José Ramón Pinochet Ugarte. Infelizmente a lista é infinitamente maior. O fascismo na atualidade se reinventa, fazendo com que potências mundiais continuem flertando com regimes fascistas e antidemocráticos.

Deste modo, o presente ensaio se propõe antifascista e democrático. Para tal, traz ao palco a literatura e o esporte, aqui ancorado na poesia e no futebol. Vale lembrar que tanto o futebol como a literatura são dispositivos por onde o fascismo opera e por onde ele também resiste. Nelson Rodrigues tinha razão quando afirmou que “Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos” (Rodrigues, 2024, on-line).

O escrito é fruto de um projeto de extensão intitulado “Urubu de letra”, que tem como objetivo narrar, via crônica<sup>4</sup>, a paixão pelo Clube de Regatas do Flamengo. Porém, essa narrativa tem como finalidade ir além de um mero dissertar sobre o ardor futebolístico, ela pretende acercar o Flamengo às temáticas ligadas ao âmbito das ciências humanas e dos estudos culturais, sob as lentes da literatura. Deste modo, este texto propõe, através de um recorte do projeto, vincular escritos que ligam o Flamengo e seus personagens históricos a partir de uma abordagem democrática tensionando dois poetas com dois jogadores.

As intenções contidas neste projeto perpassam pela compreensão de que a literatura, enquanto produção sociocultural da humanidade, pode construir pontes entre o conhecimento acadêmico e histórias de vida, aproximando, de alguma forma, a academia da sociedade, pela via da formação educacional. É nesse campo que entendemos a prática da escrita, relacionando esporte, poesia e arte, como uma instalação que possui potência pedagógica para evadir dos muros da universidade e alcançar leitores para além dos bancos de instituições de ensino. De acordo com Sarah Ipiranga (2019, p. 106):

Os textos literários representam um repositório dos saberes experienciados pela humanidade e ressignificados pela linguagem. Neles, desenham-se comportamentos, perfis, modos de vida que nos descortinam os processos, muitas vezes tortuosos, de “ocupação” humana e oferecem subsídios para refletir sobre nosso presente e as condições em que pretendemos colocar nosso futuro.

Em consonância com nossa intenção, Jorge Larrosa (2019) sugere ao leitor a criação de uma etapa poética marcada pela observação e despersonalização do objeto fruto da contemplação e da disciplina formal. Fazendo com que a leitura de um poema transcenda a intimidade do poeta, tornando a mesma um momento de contemplação à distância que se adere ao leitor de forma independente. A sugestão do autor é que a leitura é um exercício de escuta e que, por si, é capaz de levar o leitor a pensar sobre o que foi lido.

A partir desse foco, neste ensaio, foram trazidos dois ex-jogadores ligados à história do Clube de Regatas do Flamengo, fazendo convergência com dois personagens da poesia latino-americana. Neste sentido, Sócrates Brasileiro e Adriano Imperador contracenam com dois dos maiores expoentes da literatura latino-americana: Manoel de Barros e Pablo Neruda. A

---

<sup>4</sup> As duas crônicas que apresentamos a seguir foram publicadas no portal “Ludopédio” – o maior portal de futebol da América Latina. Este portal tem um escopo político ligado ao futebol e a democracia. É uma mídia que luta contra o preconceito de gênero e raça no campo esportivo, além de preservar a memória esportiva futebolística.

escalação desses personagens para o “jogo” deste escrito visa atacar o fascismo e ir contra toda forma de antidemocracia propagada por essa ideologia política.

Deste modo, o presente ensaio tem como objetivo interpelar futebol e literatura com a intenção de reflexionar a história e a memória tensionando questões que possam dar base a uma educação antifascista. É pelo caminho da leitura que ousamos apresentar a palavra como uma lição, conforme afirma Jorge Larrosa (2019), uma lição é um convite à leitura. De alguma forma, as crônicas aqui apresentadas denotam a importância da disponibilidade de quem escreve e da receptividade do leitor. Para esse autor, esse processo educativo de ensinar e aprender se dá dentro de uma “Mútua entrega: condição em um duplo devir” (Larrosa, 2019, p. 174).

É nesse ínterim que figuram o jogador Sócrates, um dos expoentes da democracia corintiana, na troca de passes com Manoel de Barros, tendo em comum a perseguição de ambos durante a ditadura brasileira. Em seguida, Adriano Imperador é destacado para, junto com o chileno Pablo Neruda, refletir sobre o amor e a diferença. Antes disso, no próximo tópico, será discutida a análise que a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari realiza sobre o fenômeno do fascismo.

### Por uma vida não-fascista

*Como fazer para não vir a ser fascista mesmo quando (sobretudo quando)  
se crê ser um militante revolucionário?*  
(Foucault em “Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista”, 1977)

Ao escrever o prefácio<sup>5</sup> para a versão estadunidense de “Anti-Édipo”, de Deleuze e Guattari, Foucault sinaliza o fascismo como o adversário ou o inimigo maior da referida obra. No entanto, insiste Foucault (1977), este fascismo o qual o projeto do “Anti-Édipo” traça um combate, não se trata apenas do fascismo histórico de Mussolini e de Hitler, mas principalmente o fascismo que está em todos nós, que atravessa nossas condutas cotidianas. Em outras palavras, trata-se do fascismo não apenas como forma de governo institucionalizado, mas do fascismo enquanto um modo de vida. Daí parte a interpretação de Foucault (1977) em considerar a obra Deleuze-Guattariana como sendo uma introdução à vida não-fascista.

Para entendermos o que possibilita Foucault realizar tal afirmação, é necessário empreender dois movimentos os quais serão apresentados no desenvolvimento deste tópico, a

<sup>5</sup> FOUCAULT, M. Preface. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Anti-Oedipus**: Capitalism and Schizophrenia. New York: Viking Press, 1977.

saber: 1) compreender como Deleuze e Guattari elencam o desejo como elemento fundamental para a compreensão do fascismo; 2) como a articulação entre micropolítica e macropolítica possibilita compreender tanto a produção do fascismo como o combate contra ele próprio.

No pensamento de Deleuze e Guattari (2010, 2012), o fascismo é abordado mediante o questionamento de como as massas podem ir contra seus próprios interesses, isto é, do porquê seres humanos suportam a exploração por tanto tempo, a ponto de querer a exploração para si mesmo e para os outros. Neste sentido, Deleuze e Guattari (2010) sinalizam que o fascismo não se trata de uma questão meramente racional no sentido de que as massas foram enganadas, e por isso se entregam aos poderes, mas que as massas desejaram, em certos momentos, em determinadas circunstâncias, o fascismo, e que é isso que precisa ser explicado, o fascismo em termos de desejo.

Isso se dá na medida em que Deleuze e Guattari (2010) entendem o desejo não como falta, mas como produção. O que isso significa? o desejo não é falta, ele não é carente de um objeto exterior a ele. Inspirados em Spinoza, os autores concebem o desejo como o esforço ou inclinação por algo que seja útil ao próprio desejo, por isso, nesta perspectiva, segundo Deleuze e Guattari (2012) baseado em Spinoza, não desejamos algo porque ele é bom, mas ele é bom porque o desejamos. O desejo é produção do real, em que fundamentalmente a produção social é antes de tudo produção desejante.

Assim, o desejo que circula nos sujeitos não é fechado em si, nem estagnado, mas modificado a partir dos encontros que esse um sujeito faz. Isso quer dizer que o desejo é gerido socialmente, na medida em que ele é ampliado ou constrangido a depender das coisas (outros sujeitos, o trabalho, as músicas que ouve, os livros que lê, etc.) com que o sujeito se relaciona e como ele estabelece suas relações.

Neste veio argumentativo, todo modo de produção social, é um modo de circulação e produção do desejo (2010; 2012), de tal modo que a sociedade se trata fundamentalmente de um circuito de produção desejante. A relação disso com o fascismo é que toda forma de submissão não se dá exclusivamente pela força, pelo poder, mas pela captura desse desejo. Assim sendo, toda questão se passa, dizem Deleuze e Guattari (2012), na análise da qualidade do desejo, isto é, quais modalidades de sociabilidade determinados desejos encadeiam, bem como quais subjetividades são investidas nessas formas de relações sociais.

Isso não implica que Deleuze e Guattari desconsiderem a materialidade da produção social, situada no nível macropolítico em detrimento do desejo, entendido como uma micropolítica. Não há oposição entre micropolítica e macropolítica, mas sim uma interconexão,

de modo que todo o tecido social, para Deleuze e Guattari (2012), é simultaneamente molar (macro) e molecular (micro). No nível molar ou macropolítico, o social é compreendido a partir de uma dimensão binária e opositiva, como as categorias de classe social, sexo ou posição política (esquerda ou direita). No entanto, essas mesmas categorias, no nível molecular ou micropolítico, são distribuídas de maneira que forçam sua própria desconstrução, abrindo espaço para novas experiências além dos binarismos, gerando paradoxos dentro delas.

Nesse sentido, toda forma social, inclusive o fascismo, é simultaneamente molar e molecular, macropolítica e micropolítica. Se ambos os níveis são igualmente valorizados, é porque Deleuze e Guattari (2012) entendem que as experiências que ocorrem no nível molecular e micropolítico só têm efeito na medida em que são capazes de, de algum modo, redistribuir as organizações binárias do nível molar e macropolítico. Portanto, uma análise efetiva do fascismo só pode ser realizada por meio da articulação entre os níveis micropolítico e macropolítico.

Desse modo, há uma coexistência entre o nível macropolítico e micropolítico, ou entre o social e o desejo, sendo essa a chave de leitura que Deleuze e Guattari (2012) nos oportunizam para a compreensão do fenômeno do fascismo. Ao propor o desejo como elemento fundamental desta análise, os autores sinalizam que o desejo é a condição tanto para os sujeitos desejarem sua servidão, em direção a um fascismo, como possibilidade para o seu combate.

É fundamental enfatizar, retomando o prefácio de Foucault (1977), que o desejo é condição tanto para o fascismo quanto para uma vida não fascista. Trata-se, portanto, do mesmo processo, que pode mobilizar diferentes modos de vida. A questão central reside na necessidade de uma percepção aguçada, capaz de compreender quais modos de vida estão implicados em nossas práticas sociais. Se o fascismo é, em sua essência, um desejo, como indicaram Deleuze e Guattari (2010; 2012), torna-se relevante analisar quais desejos orientam nossas formas de sociabilidade, considerando que todo modo de produção social é uma forma de inscrição do desejo. Cabe, portanto, a nós, perseguir aqueles modos que apontam para uma “arte de viver não-fascista”, conforme desejava Foucault (1977).

Diante disso, acreditamos que tanto a poesia quanto o futebol apresentam possibilidades de acompanhar a inscrição de um desejo “não-fascista”, sendo ambos espaços privilegiados para a compreensão da interseção entre a produção social e a produção desejante. Nos tópicos seguintes, propomos a análise de duas crônicas que abordam o futebol e a poesia, buscando demonstrar a viabilidade do combate ao fascismo a partir das experiências particulares proporcionadas por essas duas artes (sim, o futebol também é arte!).

## Sócrates e Manoel de Barros: ou sobre poemas e um jogador concebidos sem pecado<sup>6</sup>

“- E as palavras, têm vida?  
- Palavras para eles têm carne, aflição, pentelhos — e a cor do êxtase”  
Manoel de Barros em “O guardador de águas” (Barros, 2010, p. 249)

Manoel de Barros (1916-2014), um dos mais ilustres poetas brasileiros, também conhecido por ser “o poeta das coisas insignificantes”, lançou sua primeira obra em 1937, o livro *Poemas concebidos sem pecado*. Manoel surgiu, então, como um trovador das coisas simples, exaltando em seus versos a grandeza dos acontecimentos cotidianos. Em 1972, 35 anos depois, pelo Botafogo de Ribeirão Preto, era “concebido sem pecados” um dos maiores jogadores da história do futebol mundial: Sócrates Brasileiro (1954-2011), que forjou sua vida sob a virtude da luta. Quanto a nós, pecadores assumidos, recorremos a Manoel de Barros quando este afirma “Não tenho mecanismos para santo” (Barros, 2010, p. 311), para arriscar dizer que o maior pecado da vida de Sócrates foi ter jogado tão pouco tempo com a camisa do Flamengo.

Por sua amizade com Zico, com quem foi fiel parceiro na seleção brasileira, Sócrates chegou ao Flamengo no final de 1985, saindo precocemente no início de 1987. “Sou um privilegiado. Primeiro, o Corinthians, agora, o Flamengo. Isso é tudo o que um jogador pode ambicionar em sua carreira”, afirmou Sócrates em certa ocasião. Com as cores do rubro-negro, Sócrates jogou apenas uma vez ao lado de Zico. Esse encontro ocorreu na vitória do Flamengo sobre o Fluminense por 4x1, quando Zico silenciou a torcida tricolor que o chamou de “bichado” por estar retornando de mais uma lesão no joelho. Naquela partida, Zico marcou três gols, mostrando à torcida do clube das Laranjeiras que “*Lugar sem comportamento é o coração*” (Barros, 2010, p. 309).

Sócrates atuou pouco pelo Flamengo, somando apenas 25 jogos e três gols. Contudo, foi o suficiente para conquistar um título com o time da Gávea, integrando a equipe que venceu o Campeonato Carioca de 1986. Ainda que Sócrates tivesse jogado apenas uma vez pelo Flamengo, continuaria merecendo uma homenagem em forma de texto, afinal, para escrever sobre ele, é preciso evocar a poesia: “Não quero a boa razão das coisas. Quero o feitiço das palavras” (Barros, 2010, p. 370). Por isso, ao dialogar com um dos personagens mais líricos do

---

<sup>6</sup> Esta crônica foi publicada no site Ludopédio no dia 28 de junho de 2023 (Zoboli; Souza, 2023). Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/socrates-e-manoel-de-barros-ou-sobre-poemas-e-um-jogador-concebidos-sem-pecado/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

futebol brasileiro, escolhemos o poeta que define a poesia como “O mel das palavras” (Barros, 2010, p. 370).

Assim, escalamos para este diálogo o distinto membro da seleção de poetas brasileiros, Manoel Wenceslau Leite de Barros, nascido em Cuiabá, em dezembro de 1916. Ao longo de sua vida, Manoel, junto à sua esposa, Stella Leite, teve três filhos e faleceu em Campo Grande, aos 97 anos, em 2014. Sua infância, que permeia seus versos, foi vivida no Pantanal, onde seu pai, João Venceslau Barros, possuía uma propriedade. Na juventude, mudou-se para a capital de seu estado natal para estudar em um colégio interno e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde cursou Direito e se filiou ao Partido Comunista. Embora tenha se afastado da militância partidária, Manoel de Barros jamais se desvinculou dos preceitos comunistas, transformando essa ideologia em um norte para sua vida. Como ele mesmo escreveu: “A fome não é invenção de comunistas, titio” (Barros, 2010, p. 30).

Com essa obra, Manoel de Barros iniciou a publicação de suas poesias e reflexões, que em grande parte versavam sobre elementos cotidianos e observações íntimas da natureza. Sua escrita, embora frequentemente coloquial, destacava-se pela vanguarda presente na valorização da vida corriqueira e na criação de neologismos sobre o trivial. Esse feito, embora complexo, era apresentado por Manoel de forma acessível e despreziosa. Ele mesmo afirmou que, sobre o nada, tinha profundidades. “Sou um apanhador de desperdícios: Amo os restos como as boas moscas. Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática. Só uso a palavra para compor meus silêncios” (Barros, 2024, *online*).

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira<sup>7</sup> nasceu em Belém do Pará, mas ainda criança mudou-se com sua família para Ribeirão Preto, em São Paulo. Seu nome, Sócrates, foi escolhido por seu pai, amante da filosofia e da literatura, que homenageou um de seus filósofos preferidos. Sob o fascínio das letras, o pai de Sócrates acreditava que “Achava que a partir de ser inseto o homem poderia entender melhor a metafísica” (Barros, 2010, p. 323). Em 1964, após o golpe militar, Sócrates, então com apenas 10 anos, testemunhou seu pai ateando fogo em seus amados livros, um evento que marcaria profundamente sua vida. Como refletiu mais tarde: “Eu sou muitas pessoas destroçadas” (Barros, 2010, p. 313). Esse episódio contribuiu para que Sócrates desenvolvesse uma paixão pelas obras literárias, usando-as para alimentar sua sede de conhecimento e liberdade. “Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras: — liberdade caça jeito” (Barros, 2010, p. 156).

---

<sup>7</sup> Sócrates se casou 4 vezes. De seus casamentos foram gerados seis filhos, e um deles se chama Fidel Castro.

Em 1972, Sócrates ingressou nas categorias de base do Botafogo de Ribeirão Preto (SP) e, simultaneamente, iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina. Em 1977, conquistou o campeonato paulista pelo time da Pantera da Mogiana e formou-se médico pela USP de Ribeirão Preto. Manoel de Barros, cuja obra frequentemente abordava a infância, poderia ter dedicado esses versos a Sócrates: “O menino hoje é um homem douto que trata com física quântica. Mas tem nostalgia das latas. Tem saudades de puxar por um barbante sujo umas latas tristes” (Barros, 2010, p. 367). Entre o saber médico e a nostalgia de brincar com a bola, Sócrates escolheu a paixão de menino: o futebol.

Em 1978, Sócrates se despede do Botafogo e vai jogar no Corinthians<sup>8</sup>, onde se consagrou como um dos grandes ídolos da história do clube. Além do Botafogo de Ribeirão Preto e do Corinthians, Sócrates também atuou pelo Flamengo, pela Fiorentina, na Itália (1984-1985), e pelo Santos, seu time de infância (1988-1989). No entanto, foi no Botafogo de Ribeirão Preto que ele encerrou sua carreira, vestindo novamente as cores do time que o lançou (1989).

Além da alcunha de “Doutor”, conferida por sua formação em Medicina, Sócrates também recebeu o apelido de “Magrão”, devido à sua elevada estatura e físico esguio. Como descreve Barros: “Não fui fabricado de pé” (Barros, 2010, p. 306). Devido aos pés pequenos, desproporcionais à sua altura, Sócrates desenvolveu uma habilidade característica com os calcanhares, sendo descrito como “um poste mal fincado” (Barros, 2010, p. 316). Na meia cancha, entretanto, Sócrates mostrava-se um gênio, capaz de combinar a técnica futebolística com a leveza poética descrita por Manoel de Barros. Ele jogava com uma elegância rara, fazendo o complexo parecer simples. Com seu corpo longilíneo e domínio da bola, Sócrates transformava as tardes de futebol em espetáculos de graça e beleza. “Sou capaz de inventar uma tarde a partir de uma garça” (Barros, 2010, p. 360).

Para além da poesia, expressa por Manoel de Barros com lápis e papel, e por Sócrates com a bola e o calcanhar, o que une essas duas figuras lendárias é a sua perspectiva “voltada para baixo”. Ambos compartilhavam um ideário que defendia a igualdade e a justiça social, mantendo-se atentos às minorias oprimidas, como se evidencia em *Retrato do artista quando coisa*:

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos. É um olhar para baixo que eu nasci tendo. É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo. O ser que na sociedade é chutado como uma barata – cresce de importância para o meu olho. Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo. Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas. Fui criado

<sup>8</sup> Pelo Corinthians, Sócrates atuou em 298 jogos, marcou 172 gols e conquistou três títulos de campeão paulista (1979-1982-1983).

no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão – antes que das coisas celestiais. Pessoas pertencidas de abandono me comovem: tanto quanto as soberbas coisas ínfimas (Barros, 2010, p. 361).

Aos 18 anos, durante uma de suas atividades militantes, Manoel de Barros pichou uma estátua na capital carioca com a frase “Viva o comunismo”. No dia seguinte, a polícia foi até a pensão onde ele estava hospedado, com a intenção de prendê-lo. Contudo, a proprietária do estabelecimento falou tão bem do caráter bondoso do jovem que os policiais se sensibilizaram e o deixaram livre. No entanto, confiscaram seus livros e arquivos, incluindo o rascunho de sua primeira obra não publicada, *Nossa Senhora de minha escuridão*.

Assim como Manoel de Barros, o Doutor Sócrates também enfrentou dissabores sob o regime fascista instaurado pela ditadura militar no Brasil. Sócrates, junto com outros jogadores, como Casagrande, Wladimir e Zenon, protagonizou, em 1983, a criação do movimento conhecido como “Democracia Corinthiana”. Esse movimento tinha como objetivo não apenas a oposição à ditadura militar que persistia desde o golpe de 1964, mas também a promoção da campanha “Diretas Já”, que defendia o retorno das eleições presidenciais diretas e democráticas.

Além disso, no âmbito interno do Corinthians, o movimento político estabeleceu uma nova forma de gestão democrática, em que as decisões importantes do clube, como contratações e o regimento interno, eram tomadas coletivamente pelos jogadores, pelo técnico, pelo roupeiro e por outros membros da equipe, com todos tendo o mesmo peso em suas decisões.

Dessa forma, Sócrates, como cidadão e jogador, utilizou suas palavras e sua influência para marcar sua luta em prol da democracia, contribuindo significativamente para traçar uma nova trajetória na história do Brasil. “A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias” afirma Manoel (Barros, 2010, p. 450). Por sua luta e significância dentro e fora das “quatro linhas”, Sócrates é digno de toda a licença poética de Manoel de Barros. No seu *Livro das ignorâncias*, Manoel menciona que “Um girassol se apropriou de Deus: foi em Van Gogh” (Barros, 2010, p. 301). Deste modo, para dar cifras finais a este escrito, proclamamos em forma de paráfrase: Um jogador se apropriou de Deus: foi em Sócrates.

## De Neruda para o Imperador... Alguns poemas de amor<sup>9</sup>

*Que dirão de minha poesia os que não tocaram meu sangue?*  
Pablo Neruda em “Livro das perguntas” (Neruda, 2009a, p. 27)

De que é feito os grandes poetas, senão de uma emoção que está quase sempre à flor da pele, um corte, capaz de expelir sangue pelos poros expondo suas paixões. Para esta sessão do texto, que é tão visceral, escalamos o poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973) para declarar nosso amor ao grande Imperador rubro-negro, Adriano Imperador (1982). Na sua vasta obra, Neruda tem vários livros dedicados a cantar o amor em forma de poema. Hoje, vamos conhecer fragmentos deles enquanto narramos a trajetória de Adriano no Flamengo.

O poeta chileno nasceu com o nome Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto e, mais tarde, criou o pseudônimo<sup>10</sup> Pablo Neruda, que passou a ser também seu nome civil. “Há algo mais tolo na vida que chamar-se Pablo Neruda?” (Neruda, 2009a, p. 71). O jogador rubro-negro nasceu com o nome de Adriano Leite Ribeiro e durante uma temporada avassaladora, entre os anos de 2003 e 2004, atuando pela Inter de Milão no futebol italiano, foi proclamado “imperador”. “Onde está o menino que fui, segue dentro de mim ou se foi?” (Neruda, 2009a, p. 95).

As semelhanças entre eles não param por aí. Neruda não chegou a ser imperador, mas foi eleito Senador no Chile por um mandato (1945-1948), pelo Partido Comunista. No mesmo ano em que foi eleito, Neruda veio a São Paulo para uma homenagem ao líder político João Carlos Prestes, e neste dia Pablo leu para um Pacaembu com mais de 100 mil espectadores. Adriano, por sua vez, não chegou a ser poeta, mas fez um sem-fim de poemas com a bola nos pés. Para nós flamenguistas, os mais bonitos foram os “versos e rimas” que compôs com Petkovic na conquista do brasileirão de 2009<sup>11</sup>. “É sem dúvida estrelado tudo que te devo, o que te devo é como um poço de uma zona silvestre onde guardou o tempo relâmpagos errantes” (Neruda, 2009b, p. 54).

Neruda começou precoce sua carreira de poeta, com apenas 13 anos. Sua escrita é composta por uma rica variedade de estilos: desde poemas de amor acalorados, poesia

<sup>9</sup> Esta crônica foi publicada no site Ludopédio no dia 22 de julho de 2022 (Zoboli; Correia, 2022). Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/de-neruda-para-o-imperador-alguns-poemas-de-amor/>.

<sup>10</sup> Os pseudônimos são nomes “fictícios” adotados por autores para assinar obras sem fazer uso dos seus nomes civis. A função dos pseudônimos é a de preservar a identidade do autor ou até mesmo para “fazer charme”. Importante mencionar que esse recurso não é restrito e exclusivo do mercado editorial. Também são utilizados por jornalistas com a finalidade de preservar a identidade e a segurança de suas fontes na produção de reportagens.

<sup>11</sup> Em 2009, além do título de campeão brasileiro, Adriano também foi artilheiro da competição juntamente com Diego Tardelli, com 19 gols cada.

surrealista, até escritos e manifestos políticos. Com apenas 17 anos, iniciou seus estudos na Universidade do Chile, sua universidade *Alma Mater*. Em 1965, recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Britânica de Oxford. Em outubro de 1971, a consagração: Pablo Neruda é condecorado com o Prêmio Nobel de Literatura. Por conta das comemorações do centenário de seu nascimento, em 2004, foi instituído o Prêmio Iberoamericano de Poesia Pablo Neruda.

Adriano também inicia sua carreira de jogador com pouca idade. Aos 9 anos, ingressa nas categorias de base do futsal do Flamengo e na sequência vai para o futebol de campo. Estreou no profissional do Flamengo no ano de 1999 e até sua saída, em 2001, conquistou dois campeonatos cariocas (2000-2001) e a Supercopa dos campeões de 2001. “Meu amor tem duas vidas para amar-te. Por isso te amo quando não te amo e por isso te amo quando te amo” (Neruda, 2009b, p. 54). No entanto, sua habilidade com a pelota o levou rapidamente para a Europa, ainda em 2001, Adriano é vendido para a Inter de Milão. Antes de se firmar em 2004, no clube milanês, Adriano foi emprestado a Fiorentina e ao Parma.

No exterior, seu grande clube foi a Internazionale, onde conquistou quatro títulos nacionais: duas Supercopa italiana e duas Copa Itália. Em 2006, em decorrência da morte de seu pai, Didico (apelido de família) vê sua carreira declinar. Tristeza, depressão e envolvimento com álcool vão dando os tons de “uma canção desesperada” à vida do imperador. “Tentou soníferos verdes e álcoois extravagantes, nadou em espuma de cerveja, recorreu a médicos, leu farmacopeias e almanaques, escolheu o amor a essa hora, porém tudo resultou inútil...” (Neruda, 2009c, p. 71).

Além de poeta, Neruda foi um grande intelectual da política e sempre se mostrou comprometido com questões sociais e humanitárias do Chile e da América Latina. Pablo Neruda participou ativamente do Partido Comunista e foi forçado ao exílio várias vezes devido a perseguições políticas. Em 1970, ele retirou sua candidatura à presidência chilena para apoiar Salvador Allende, que venceu as eleições naquele ano. No entanto, em 11 de setembro de 1973, Allende sofreu um golpe de Estado liderado pelo general Augusto Pinochet. Dias após o golpe, em 23 de setembro, Neruda faleceu. As causas de sua morte permanecem incertas: alguns atribuem-na à tristeza resultante do golpe, enquanto outros acreditam que foi em decorrência de um câncer de próstata.

Depois do golpe, Pinochet mandou saquear a casa de Pablo (*La Chascona*<sup>12</sup>), na capital chilena Santiago, e ordenou que queimassem seus livros. “Nesse instante terminaram os livros, a amizade, os tesouros sem trégua acumulados, a casa transparente que tu e eu construímos: tudo deixou de ser, menos teus olhos” (Neruda, 2009b, p. 106).

Em 2008, Adriano volta ao Brasil tentando recuperar o desejo de jogar futebol, fica seis meses no São Paulo e retorna de empréstimo novamente para a Itália. No entanto, mesmo melhor, o imperador não consegue repetir sua boa fase no time de Milão. Em maio de 2009, Didico decide voltar ao Flamengo, seu amor de infância “E fui como um ferido pelas ruas até que compreendi que havia encontrado amor, meu território de beijos e vulcões” (Neruda, 2009b, p. 13). Após 8 anos, Adriano retorna à Gávea para vestir a 10 de Zico “Quero fazer contigo, o que a primavera faz com as cerejas” (Neruda, 2006, p. 15).

Na quarta rodada do campeonato, o Imperador estreia contra o Atlético Paranaense e faz um dos gols da vitória (2x1). “O certo é que tremeu a noite pavorosa, a aurora encheu todas as taças com seu vinho e o sol estabeleceu sua presença celeste” (Neruda, “Cem sonetos de amor”). Pela sétima rodada, o Flamengo bate o invicto Internacional com uma goleada de “4x0”. Adriano faz 3, um deles de falta, lembrando o lendário Galinho. Também com gol de Adriano, o Flamengo vence o Botafogo no reencontro depois do tri carioca vencido em cima do rival naquele ano. “Passam por mim seus corações bêbados de vinho e de sonhar. Sou uma ponte imóvel entre o coração e a eternidade” (Neruda, 2009d, p. 77).

Na décima primeira rodada do primeiro turno, o Flamengo empatou em casa por 1x1 contra o Barueri, e a torcida se despediu do técnico Cuca. No jogo seguinte, sob a liderança do técnico e ídolo Andrade, o Flamengo conquistou uma vitória sobre o Santos na Vila Belmiro. “Recordarás talvez aquele homem afilado que da escuridão saiu com uma faca e, antes de que soubéssemos, sabia: viu a fumaça e decidiu que vinha do fogo” (Neruda, 2009b, p. 86).

No segundo turno, Adriano e Pet crescem. Adriano desembesta a fazer gol e vai se firmando como artilheiro do campeonato. Pet brinca de fazer gols olímpicos, um contra o Palmeiras (0x2 Fla) e outro contra o Atlético Mineiro (1x3 Fla). O Flamengo pula para a terceira colocação a quatro rodadas do final e entra na briga pelo título. “Sou eu, meu amor, quem golpeia a tua porta” (Neruda, 2006, p. 44). Na penúltima rodada, após vencer o Corinthians por “2x0” o Flamengo assume pela primeira vez a liderança do campeonato. “Tudo era dos outros

---

<sup>12</sup> No ano de 1953, Neruda constrói uma casa em Santiago para se encontrar com sua amante Matilde. Essa casa foi apelidada de La Chascona. Matilde foi uma das esposas de Neruda, a ela ele dedicou a obra “Os Versos do Capitão” – um lindo livro de poesias de amor.

e de ninguém, até que tua beleza e tua pobreza de dádivas encheram o outono” – *Cem sonetos de amor* (Neruda, 2009b, p. 52).

Em uma partida dramática, na última rodada, o Flamengo venceu o Grêmio de virada por 2x1 e se consagrou hexacampeão brasileiro. O Imperador, Adriano, chorou diante de 85 mil torcedores no Maracanã. “Sucedeu neste mês e nesta pátria. Foi tão inesperado o que aconteceu, mas assim foi: de um dia ao outro dia aquele país se encheu de cerejas” (Neruda, 2006, p. 64). Em 2010, após fundar o “Império do Amor” com o atacante Wagner Love, Adriano se despediu do Flamengo de maneira conturbada. Embora tenha tentado retornar e jogar outras duas vezes pelo clube, seu desempenho não foi notável. Em 2011, ele conquistou um título brasileiro pelo Corinthians. Atualmente, o Imperador está aposentado dos campos e frequentemente expressa seu amor pelo Flamengo em suas aparições públicas e nas redes sociais.

Pablito é rei da poesia, um intelectual de esquerda. Aqui um intervalo para um litígio: “Existe intelectuais de direita?” “Percebeste que o outono é como uma vaca amarela?” (Neruda, 2009a, p. 41). Neruda foi amigo de Vinícius de Moraes, um declarado botafoguense. Acho que por vergonha, Vinícius nunca levou Neruda ao estádio para ver o Botafogo. “Se Pablo Neruda tivesse ido ao Maraca em dia de jogos do Flamengo, seus poemas seriam ainda melhores”.

### Considerações finais

Como dito na introdução deste ensaio, tanto as artes como o esporte são alvos do investimento do regime fascista. Este esforço pode ser tanto para a promoção e propaganda do pensamento fascista ou, pelo contrário, para censurar e apagar pensamentos divergentes ao movimento. No caso específico do futebol, todo esse contexto se potencializa considerando seu alcance sociocultural. Como podemos observar nos versos de Carlos Drummond de Andrade, “Futebol se joga no estádio? Futebol se joga na praia, futebol se joga na rua, futebol se joga na alma. A bola é a mesma: forma sacra para craques e pernas-de-pau. Mesma a volúpia de chutar na delirante copa-mundo ou no árido espaço do morro” (Recanto do poeta, 2024).

As ditaduras latino-americanas descritas nas crônicas sobre o Brasil e o Chile também tiveram outras vítimas literárias, além de Manoel de Barros e Pablo Neruda. No Brasil, escritores e romancistas como Jorge Amado, Nelson Rodrigues, Érico Veríssimo, Rubem Fonseca e Maria da Conceição Tavares não escaparam da censura imposta pelo regime militar. Da mesma forma, no Chile, o regime de Augusto Pinochet também cerceou a liberdade de expressão de vários escritores. O romancista Luís Sepúlveda (1949) foi preso após o golpe de

1973, e Roberto Bolaño (1953–2003), defensor de ideologias de esquerda, sofreu represálias de Pinochet por ter apoiado o movimento revolucionário de Salvador Allende.

No futebol chileno, a história de Carlos Caszely é emblemática. Jogador de um dos times mais populares do Chile, o Colo-Colo, Caszely recusou o aperto de mão de Pinochet pouco antes da seleção chilena embarcar para a Copa do Mundo de 1974, realizada na então Alemanha Oriental. Esse ato de desobediência teve graves consequências; enquanto Caszely disputava a Copa, sua mãe foi sequestrada e torturada pelo regime de Pinochet. Carlos soube do sequestro de sua mãe somente quando retornou ao Chile após *La Roja*<sup>13</sup> ser eliminada da Copa.

No ano de 1988 durante o plebiscito que definiria ou não a permanência dos militares no poder, Caszely fez campanha contra os ditadores. Ele gravou um vídeo ao lado de sua mãe fazendo campanha pelo “não” a ditadura. A revelação da tortura da mãe do *El rey del metro cuadrado*<sup>14</sup>, emocionou a população. Tal episódio até então tinha ficado reservado a família a alguns poucos amigos.

Muitos creditam a esse vídeo o fim da ditadura. Impossível confirmar. Mas os atos de *El rey del metro cuadrado*, tanto em 1973, ao negar a mão a Pinochet, e em 1988, ao fazer o depoimento ao lado da mãe, certamente emprestaram dignidade ao futebol e ao povo chileno em um dos períodos mais cinzentos de sua história (Jardim, 2020, p. 104).

No Brasil, além dos companheiros de Sócrates na democracia corintiana, os já citados Casagrande, Wladimir e Zenon, também vale menção outros jogadores que também lutaram conta a milícia do golpe militar: Reinaldo e Afonsinho.

Reinaldo quando criança viu seu vizinho e amigo da família ser preso pela ditadura sob a acusação de ser simpatizante do ideário comunista. Anos mais tarde ele se politizava lendo livros considerados “subversivos” pelo governo antidemocrático. Dessas leituras, ele materializou o gesto que passou a utilizar para comemorar os seus gols a partir de 1976: o braço direito erguido com punho cerrado. Da boca do Rei Reinaldo “Passei a dar uma conotação política à comemoração. Uma coisa meio *Black Power*, que era dos negros norte-americanos<sup>15</sup>” (Jardim, 2020, p. 140). Por conta de seu posicionamento político, José Reinando de Lima (1957)

<sup>13</sup> La Roja – A vermelha – é o apodo da seleção chilena. A cor faz menção as cores da camisa da escrete chilena de Futebol.

<sup>14</sup> *El rey del metro cuadrado* – o rei do metro quadrado – era o apelido de Carlos Humberto Caszely Garrido (1950). A sua facilidade de driblar e dominar a bola lhe rendeu esse emblemático apodo.

<sup>15</sup> “Reinaldo cita o movimento dos Panteras Negras, que surgiu no final dos anos 60 nos EUA para lutar contra a segregação racial. O gesto ficou mundialmente famoso quando dois atletas negros, Tommie Smith e Jonh Carlos, ambos ligados ao grupo, ergueram seus braços para comemorar a conquista das medalhas de ouro e bronze nos 200m nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, em 1968” (Jardim, 2020, p.140).

teve convocações a seleção vetadas, no entanto, chegou a disputar a Copa de 1978 na Argentina, país que estava também em plena ditadura. O maior ídolo da história do Atlético Mineiro conta que os militares infiltrados na seleção brasileira aconselhavam ele a comemorar com os dois braços erguidos e a não misturar política e futebol.

Afonso Celso Garcia Reis, o Afonsinho é conhecido no futebol por ter conseguido o “passe livre”. No Botafogo começou a ser deixado de lado pelo então técnico Mário Jorge Lobo Zagallo por seu posicionamento político. O time de General Severiano não o utilizava, mas também não o negociava, ele ficou preso a esse imbróglio até enfim conseguir sua alforria na justiça em maio de 1971. Sua barba e cabelos compridos eram repelidos no clube, um dos dirigentes (da cúpula dos militares) chegou a dizer que ele tinha mais cara de guitarrista cantor de iê iê iê do que de jogador de futebol. Por conta de seu posicionamento político, Afonsinho ficou de fora da Copa de 1978. Em entrevista ao UOL esportes, ele menciona que guarda uma mágoa por não ter sido convocado no auge de sua carreira, porém, alega que jamais mudaria suas atitudes para conseguir isso. “Ter sido jogador da seleção teria sido muito bom, mas foi melhor ter assumido as posições que eu assumi. Pelo menos, eu me sinto mais íntegro” (Gentile; Lima, 2020).

Ao seletor grupo de defensores da democracia, pode-se incluir o técnico João Saldanha, que comandava a seleção brasileira até um ano antes da Copa de 1970. Saldanha recusou-se a acatar as orientações do então presidente General Emílio Garrastazu Médici para a convocação da seleção, resultando em sua demissão do cargo. Devido à sua coragem e integridade em não seguir as imposições do presidente, João Saldanha ficou conhecido como “O João Sem Medo”. Em seu lugar, foi escolhido o técnico que se mostrou mais conformista, Mário Zagallo.

Além disso, o irmão mais velho de Zico, Nando, que fora filósofo e professor fora dos campos de futebol, também foi um dos ex-jogadores perseguidos pela ditadura militar de 1964. Fernando Antunes Coimbra:

Estudante de filosofia, aos 18 anos teve a “audácia” de fazer parte, ao lado da irmã Zezé, do Plano Nacional de Alfabetização, sob a coordenação do educador Paulo Freire, em 1963. Com o golpe militar, no ano seguinte, por ter participado da empreitada “revolucionária”, Nando foi considerado subversivo e teve de deixar os gramados após ser escanteado por times do Brasil e de Portugal, país que também vivia sob ditadura. Na volta ao Rio, chegou a ser preso e passar dois dias e duas noites em pé, com os braços erguidos e com um mosquetão apontado para as costas (Jardim, 2020, p. 22).

Retomando o objetivo deste ensaio, que foi interpelar futebol e literatura com a intenção de refletir sobre a história e a memória, tensionando questões que possam desnaturalizar e

combater o pensamento fascista, considera-se que ambas as artes podem ser espaços privilegiados para a análise e combate ao fascismo. Isso se deve ao fato de que possibilitam a percepção da inscrição social do desejo e dos modos de vida moldados por esse desejo.

Ao apostar na educação para além da escolarização, como meio de produção de modos de vida mais potentes e alinhados com as premissas de uma sociedade democrática e republicana, a problemática do fascismo, tal como abordada aqui, leva à compreensão de que seu combate não se dá apenas por meio de uma tomada de consciência. Em vez disso, requer a produção social de desejos que sejam distintos daqueles que sustentam o fascismo. Isso implica que a educação, embora não exclusivamente responsável, também tem o compromisso de lutar contra tudo o que visa o aniquilamento e a repressão das múltiplas formas de vida que permeiam o tecido social, assim como contra os fascismos que se encontram profundamente enraizados na experiência corpórea.

Contudo, além de adotar um tom crítico, é necessário que a educação também assuma um tom ético. Como nos lembra Foucault (1977), não é preciso ser triste para ser militante, mesmo que o objeto de nossa luta, como é o caso do fascismo, seja abominável. Nesse sentido, tanto o futebol quanto a poesia podem ser instrumentos de uma luta alegre e ativa contra o fascismo, uma vez que, como insiste Foucault (1977), é a conexão do desejo com a realidade que possui uma força revolucionária. Assim, ambas as artes podem nos colocar em contato com uma experiência educativa vinculada à *cruenza do real*.

Diante disso, conclui-se que as crônicas citadas, ao relacionarem jogadores, literatura, futebol e poetas, promovem uma aprendizagem significativa por meio da leitura. Esse movimento é simbolizado pela bola, que, conforme afirma João Cabral de Melo Neto, possui diversas representações: “A bola não é a inimiga como o touro, numa corrida; e, embora seja um utensílio caseiro e que se usa sem risco, não é o utensílio impessoal, sempre manso, de gesto usual: é um utensílio semivivo, de reações próprias como bicho” (Melo; Neto, 2024, *on-line*). Da mesma forma, a palavra em um texto se comporta enquanto aguarda seu leitor.

Segundo Larrosa (2019, p. 175), a leitura é uma experiência que envolve tanto o ensino quanto a aprendizagem, estando intrinsecamente relacionada às formas de estabelecer conexões consigo mesmo e com o outro. A experiência com a palavra nunca ocorre de maneira isolada, assim como os processos educativos, ler, escrever, interpretar, aprender e ensinar, são práticas que exigem trocas e podem gerar múltiplos significados. “Por isso, dar o texto é oferecê-lo como um dom e, nesse mesmo oferecimento, abrir uma dívida e uma tarefa da leitura, a dívida

que só se salda assumindo a responsabilidade da leitura, a tarefa que só se cumpre no movimento de ler”.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, M. de. Poema: O apanhador de desperdícios – Manoel de Barros – Com gabarito. **Armazém de textos**, Barra do Garças, MT, 7 dez. 2018. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/03/poema-o-apanhador-de-desperdicios.html> Acesso em: 9 jul. 2024.
- BARROS, M. de. **Poesia completa**: Manoel de Barros. São Paulo: Leya, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 3
- FOUCAULT, M. Preface. *In*: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Anti-Oedipus**: Capitalism and Schizophrenia. New York: Viking Press, 1997.
- GENTILE, B.; LIMA, V. O primeiro jogador livre: Afonsinho conta como desafiou sistema para ser primeiro jogador livre do futebol brasileiro em plena ditadura. **UOL ESPORTES**, 1 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/afonsinho-liga-jejum-apos-copa-de-1970-da-selecao-com-a-ditadura-comissoes-tecnicas-tinham-intervencao/#cover>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- IPIRANGA, S. O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola. **Revisa de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 38, jan./jun. 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49493/1/2019\\_art\\_sdsipiranga.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49493/1/2019_art_sdsipiranga.pdf) Acesso em: 10 jul. 2024.
- JARDIM, R. **Democracia Futebol Club**: o jogo de bola além das quatro linhas. São Paulo: Editorial Ludopédio, 2020.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MELO NETO, J. C. de M. Futebol e poesia: 11 poemas sobre o esporte. **Recanto do poeta**. Disponível em: <https://recantodopoeta.com/futebol-e-poesia-11-poemas-sobre-o-esporte/> Acesso em: 05 maio 2024.
- NERUDA, P. **Presente de um poeta**. Cotia: Vergara & Riba Editoras, 2006.
- NERUDA, P. **Livro das perguntas**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009a.
- NERUDA, P. **Cem sonetos de amor**. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2009b.

NERUDA, P. **O coração amarelo**. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2009c.

NERUDA, P. **Crepusculário**. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2009d.

RODRIGUES, N. Futebol e poesia: 11 poemas sobre o esporte. **Recanto do poeta**, Balsas, MA, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://recantodopoeta.com/futebol-e-poesia-11-poemas-sobre-o-esporte/> Acesso em: 05 maio 2024.

ZOBOLI, F.; SOUZA, P. Sócrates e Manoel de Barros – ou sobre poemas e um jogador concebidos sem pecado. **Ludopédio**, São Paulo, v. 168, n. 28, 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/socrates-e-manoel-de-barros-ou-sobre-poemas-e-um-jogador-concebidos-sem-pecado/>. Acesso em: 7 maio 2024.

ZOBOLI, F; CORREIA, E. S. De Neruda para o Imperador... alguns poemas de amor. **Ludopédio**, São Paulo, v. 157, n. 4, 2022. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/de-neruda-para-o-imperador-alguns-poemas-de-amor/> Acesso em: 07 maio 2024.

### ***CRediT Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** Não aplicável.

**Financiamento:** Este ensaio foi apoiado com recursos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS, do Programa de apoio ao Pesquisador à Pós-Graduação – PROAP 3-2024

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** Não aplicável.

**Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.

**Contribuições dos autores:** **Perolina Souza Teles:** Redação do artigo; Autora da crônica 1; Revisão Crítica do conteúdo intelectual importante. **Elder Silva Correia:** Redação do artigo; Autor da crônica 2; Revisão Crítica do conteúdo intelectual importante. **Fabio Zoboli:** Redação do artigo; Autor das duas crônicas; Revisão Crítica do conteúdo intelectual importante. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

